

*Quanto às singraduras: uma interlocução entre as Navegações, de
Sophia de Mello Breyner Andresen e a Carta de Pero Vaz de
Caminha*

Adriele Figueiredo¹

Introdução

Os fatos e a história recente dos últimos 500 anos têm indicado que o tempo desse encontro entre as nossas culturas é um tempo que acontece e se repete todo dia. Não houve um encontro entre as culturas dos povos do Ocidente e a cultura do continente americano numa data e num tempo demarcado que pudéssemos chamar de 1500 ou 1800. Estamos convivendo com esse contato desde sempre.

(Ailton Krenak)

São de Ailton Krenak as reflexões com que inicio esse artigo. Recorremos ao filósofo como forma de já antecipar a direção que pretendemos percorrer no presente estudo. Nele, perspectivamos realizar uma leitura das obras *Navegações*, de Sophia de Mello Breyner, e da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, num diálogo, que observará sobretudo o modo como o texto do escrivão português é retomado e ressignificado pela poeta.

O tema das viagens perpassa as duas obras, e pode trazer importantes contribuições para repensarmos a tradição rediviva no momento atual, bem como nos ajudará a acessar o imaginário português através das obras analisadas, sobretudo pela necessidade de interlocução que projeta Sophia nas invocações que faz dos escritores/viajantes, como a voz de Camões, Pessoa, Dom Sebastião, Bartolomeu Dias, e o caso especial, de Pero Vaz de Caminha no seu livro.

Os escritores, cada um no seu tempo, deslocam-se em direção ao Oriente, muito embora seja no Brasil que Pero Vaz de Caminha, junto à expedição de Pedro Álvares Cabral aporta. E é nesse deslocamento que são produzidas as suas obras. A de Caminha, elaborada na transição do século XV para o XVI; e a de Sophia escrita nos anos finais do século XX, precisamente no ano de 1983.

¹ Da proposta desse olhar, a própria Sophia, no discurso da entrega do Prémio à *Navegações*, em 1984, diz que “o tema das *Navegações* não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o *olhar*” (ANDRESEN, 2015, p. 64).

Ambas carregam a força simbólica do deslocamento português e os desdobramentos desse feito, diante de um mar, claro, de quase quinhentos anos que os separa e também os aproxima.

É relevante pontuarmos que *Navegações* é o segundo livro de Sophia publicado após a Revolução dos Cravos, e surge logo após um momento de intensa participação social da poeta. O gesto talvez possa sugerir a curiosa escolha de retomada pelo tema das viagens proposto por Sophia, posto que, durante décadas, as navegações portuguesas foram usadas como pilar argumentativo do nacionalismo e da preservação das colônias portuguesas.

Surgem assim algumas inquietações: Por que a poeta teria usado esse tema como ponto de partida? Por que revisitar um passado que serviu para legitimar autoritarismos? Por que invocar essas vozes nos seus versos? Poderíamos sugerir aqui, a fim de encaminharmos já os primeiros passos da nossa leitura, a partida de uma importante reflexão que faz Giorgio Agamben a respeito da escrita contemporânea. O filósofo italiano, aponta que o escritor contemporâneo é justamente aquele capaz de escrever “mergulhando a pena nas trevas do presente”, direcionando assim a sua escrita a um “olhar fixo no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz” (2009, p. 60-62).

É possível observar esse trato da escrita contemporânea, do qual fala Agamben, em Sophia, que no meio das “trevas do presente”, da reconstrução pós-salazarista, a poeta lança luz sobre um passado que havia sido sequestrado pelo discurso ditatorial. Podemos assim encarar a empreitada da poeta como um resgate não só de Caminha, mas de um passado português que havia sido surrupiado pelo discurso fascista do Estado Novo. Sendo assim, embarcaremos nessa escrita que se projeta para uma interlocução, e veremos a orquestração das *Navegações*, que se direciona possivelmente a partir da *escuta*; numa espécie de jogo indissociável entre escritor-leitor, o qual Virginia Woolf, em *Orlando*, diz ser o ato de escrever poesia sempre uma resposta: “uma voz a responder outra voz”. (2018, p. 192).

Dos pontos de contato

Na análise de contato entre as duas obras, propomos iniciar a nossa leitura observando a mais explícita diferença do trato textual dos dois escritores. Para isso, nos valeremos das contribuições feitas pelo professor e crítico Afrânio Coutinho (1967) que definirá por carta:

[Uma] composição em prosa (pode ser em verso) dirigida a pessoa ausente, mantendo uma conversa à distância relatando fatos do interesse de ambos. [...] As cartas comuns podem

ser de negócios, de conveniência, íntimas. Seu estilo obedece ao objetivo, as primeiras em tom convencional, preciso, claro; as segundas, sinceras fugindo da banalidade; as últimas pessoais e íntimas, espontâneas e sem afetação. (COUTINHO, 1967, p. 99).

Em seguida, quanto a noção de poesia, nos valeremos de um recorte da famosa Arte Poética IV de Sophia de Mello Breyner:

Pensava que os poemas não eram escritos por ninguém, que existiam em si mesmos, por si mesmos, que eram como que um elemento do natural, que estavam suspensos, imanes. E que bastaria estar muito quieta, calada e atenta para os ouvir. Desse encontro inicial ficou em mim a noção de que fazer versos é estar atento e de que o poeta é um escutador. (ANDRESEN, 2018, p. 900).

Feitas essas ponderações, é necessário pontuar que, embora alguns estudos tendam a colocar os gêneros dentro de arquétipos distintos, não nos interessa aqui projetá-los dessa maneira estanque. Visto que, há levantamentos em estudos que comprovam uma clara mescla entre os gêneros, e não diferente acontece na *Carta* de Caminha, nela, estão marcados a transitoriedade, por exemplo, entre carta e crônica, além das marcas convencionais de poesia. Cabe ainda pontuar que, mesmo que a *Carta* seja lida dentro de um cunho rígido comunicacional, dispõe, inegavelmente no texto de Caminha um atravessamento poético.

A maestria com que o escritor compôs as descrições acerca dos povos e das terras brasileiras, cumprem-se recursos da poesia, como o uso de metáforas, de comparações, e até mesmo, se é que podemos dizer, do uso de “leixa-pren”, recurso recorrente nas cantigas medievais. São claras e diversas as contaminações de outros gêneros, no entanto, não nos ateremos a essa demanda, cabe aqui somente a sutil sinalização do migrar de um gênero a outro. Dos possíveis inúmeros exemplos que aqui poderíamos mostrar, apresento o que em outro momento fez Oswald de Andrade, na sua particular leitura da *Carta* de Caminha:

A DESCOBERTA
Seguimos nosso caminho por este mar longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra
(ANDRADE, 1971, p. 80)

O poeta brasileiro opera igualmente fragmentos da *Carta* aos poemas que cria, não que se valha dela como espécie de “influência” para sua própria criação, pelo contrário, o tom que costura na sua escrita, mostra-se algumas vezes bastante crítico e ácido, uma espécie de acerto de contas. Podemos dizer, que é talvez nesse tom, de recuperação e crítica, que Sophia constrói as

Navegações. É possível pensar já de antemão, num trecho da *Carta* de Caminha: “Quanto às singraduras e ocorrências da navegação nenhum comentário farei a Vossa Alteza, não por não saber, mas porque os pilotos decerto se encarregarão disto”. (CAMINHA, 2017, p. 23), desse fragmento, é possível supor que Sophia tenha se valido dele ao olharmos sobretudo para o léxico usado por Caminha e do hipotético alocutário no poema VII, da seção “Deriva”, última seção do livro:

Outros dirão senhor as singraduras
Eu vos direi a praia onde luzia
A primitiva manhã da criação
(ANDRESEN, 2015, p. 51)

Do deslocamento realizado por Sophia, – tanto no espaço, quanto no tempo, – convidando para dentro dos poemas as inúmeras vozes que ecoam o imaginário português, a exemplo das invocações feitas da voz do poeta Luís Vaz de Camões, que igualmente elegeu como discurso poético as experiências do que se convencionou chamar a expansão marítima portuguesa, e como sabemos, o épico camoniano foi amplamente difundido pelo governo salazarista como propaganda de uma nostálgica grandeza lusitana, de um Camões “que vinha sido celebrado às avessas”, como aponta Eduardo Lourenço:

A epopeia justifica as interpretações mais desvairadas de nacionalismo e através delas a confiscação e exploração vergonhosa do capital ético e ideológico de *Os Lusíadas* (...) essa mitificação contribuiu - e continua contribuindo - mais do que tudo o resto para nos descentrar em relação a nós mesmos (...) Camões conferiu-nos, colectivamente, uma existência epopeica e desta insolação sublime nunca mais nos curamos. (LOURENÇO, 2016, p. 187-188).

Isto posto, não por acaso, são invocados nos versos andresenianos figuras desse passado. O valor que implica esse recorte de assinalações e de deslocamento tempo-espacial confere ao livro de Sophia um compromisso intertextual com toda uma tradição da história e da literatura portuguesa. Uma tradição que se propôs a pensar a condição do ser lusitano e que cooperou de diversas maneiras, a repensar e reelaborar a tradição e a cultura portuguesa. À vista disso, não é por acaso também que a poeta tenha decidido invocar essas vozes nos seus versos fazendo questão de esclarecer nas notas que dá ao livro, cada figura, uma a uma, retomada por ela na obra. Vale ainda acrescentar que esse recurso usado por Sophia, de dar notas a um livro de poesias, não se trata de um procedimento usual, e tem na verdade, um efeito bastante peculiar e incomum, o que torna o livro ainda mais particular dentro de toda a sua produção poética.

Essa pluralidade proposta por Sophia é conferida desde o título plural e marca as muitas viagens empreendidas dentro da obra. Quanto a isso, a investigadora e poeta portuguesa, Catarina

Nunes de Almeida, aponta que a escolha deste traço poético de Sophia confirma “o encontro com a pureza dos primórdios e o desejo de transcender o seu próprio tempo histórico e pessoal” e que “restaura uma tradição iniciática de contacto directo com a natureza, de ruptura com o presente e de digressão órfica na procura das origens.” (ALMEIDA, 2014, p. 61).

Ao encararmos as *Navegações* como a própria viagem, acessamos sua rota por “Lisboa”, espécie de metonímia de Portugal, que carrega o fato de ser o primeiro e o único poema com nome no livro. Nele, destacamos a voz poética individual, marcada pela primeira pessoa do singular do presente do indicativo: “Digo: / Lisboa / Quando atravesso – vinda do Sul – o rio / E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse” (2015, p. 31). Marcado o “eu”, de um sujeito consciente do seu poder de nomeação, que passa a dizer o nome da cidade, e ao dizê-lo, Lisboa vai se abrindo e erguendo para ser vista.

Em seguida, na segunda seção do livro, “As Ilhas”, há um valioso contraste com a primeira seção da obra que, se em “Lisboa” temos a primeira pessoa do discurso, agora nos é deflagrado na navegação um *nós* à voz poética “Navegámos para Oriente”. É nessa guinada simbólica que adentramos “A longa costa” surgindo “as ilhas luminosas / De um azul puro e violento”. Esse sujeito “nós”, marca, junto ao título da obra, a multiplicidade das vozes que direciona o encargo de escrever com vários sujeitos. E, ao assumir o sujeito coletivo dentro dos versos, opera-se o que só na arte é possível: desmancha-se no poema a *memória* do espaço verossímil de ressignificações, e do espaço histórico, o mar de séculos que antes os separava.

Ao reparar e separar esse “nós” de um *outro*, pensamos no exercício reflexivo de Donatella Di Cesare (2020), ao pensar numa “gramática do ódio”, que marca uma das primeiras fronteiras nos textos: a fronteira linguística. A filósofa italiana percebe que o *nós* e o *eles* “*situam* indivíduos e grupos de fala, e delimitam seus papéis e endereçam seus discursos” (p. 145). Desse modo, ficam estabelecidas as fronteiras entre os pronomes, portanto, desembocamos no limite que a linguagem defronta: integra-se ao “nós” um *tom amargo*, marcado por uma lógica hostil e que confere ao contrário desse “nós”, portanto, a um “eles”, a obscuridade e a mudez. Ainda sobre esse *nós*, destacamos o que diz Susan Sontag (2003): “Nenhum “*nós*” deveria ser aceito como algo fora de dúvida, quando se trata de olhar a dor dos outros.” (p. 6). É necessário, portanto, o contínuo exercício de questionarmos esse “nós” que fala. E aqui, pela voz coletiva, o “nós” são os portugueses e “eles” os outros, ou os “não portugueses”.

Voltando à *Carta*, com destinatário certo, Dom Manuel I, o rei de Portugal, o texto leva a notoriedade de ser, supostamente, o primeiro registro histórico no e sobre o Brasil. O texto, a

princípio documento, descreve as minúcias dos primeiros contatos que os portugueses, da expedição de Pedro Álvares Cabral tiveram com povos indígenas em terras brasileiras, detalhando as particularidades da fauna, da flora e dos povos dessa terra. Caminha, enquanto escritor-viajante, escreve os espantos e deslumbramentos desses primeiros encontros, sob claro, sua perspectiva *eurocêntrica*. Suas descrições são representadas desde a partida de Belém, no Restelo, até a Terra de Vera Cruz, e marcam na história a relação entre o Velho e o Novo Mundo, que viria a assomar a colonização.

Ainda do ponto de contato entre as duas obras, destacamos nos textos o que de primeiro salta aos olhos: a *datação*. A importância de datar para Sophia talvez consista em deixar o texto o mais próximo de um relato de viagem, de modo que ao lermos a *Carta*, podemos de imediato destacar o avistar a terra pela frota, do qual Caminha escreve:

Nesse mesmo dia, na hora das Vésperas, avistamos terra! De início, um grande monte, muito alto e arredondado, e outras serras mais baixas, ao sul, além de terras planas com grandes arvoredos. O capitão deu a morro o nome de Monte Pascoal e à terra, o de Terra de Vera Cruz (CAMINHA, 2017, p. 25).

É possível intencionar que desse olhar, – do olhar apurado do navegador –, olhar-primeiro que Sophia irá recuperar desse outro tempo, a poeta constrói os seguintes versos:

Ali vimos a veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáremos sonhar
Era o verdadeiro
1977
(ANDRESEN, 2015, p. 39)

Assim, é pela veemência inescapável do *visível*², e na interação recuperada desse primeiro olhar, que salientamos o que diz Adauto Novaes (1999), ao reforçar que no pensamento do mundo dos navegantes, de um mundo jamais visto antes, aos olhos desse estrangeiro europeu, através do primeiro contato que teve em direção à descoberta do *outro*: *toma-se a consciência da diferença*. E é a partir desse lugar de uma diferença notada que esse “nós” cria noções desse outro, “[dos] homens sem lei, sem fé e sem rei que habitam a outra margem do Ocidente, margem que, a partir de 1500, passou a situar-se simbolicamente na confluência de dois mundos, o Velho e o Novo” (1999, p.7). O autor pontua ainda que “toda margem delimita; ao mesmo tempo que *inclui* e *exclui*”. (1999,

² É mestranda em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui licenciatura em Letras (Português-Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde obteve bolsa de Iniciação Científica.

p.7). Pode-se dizer ainda que essa precisão do olhar que Sophia vai buscar nos escritos de Caminha, e também em outros textos, na escrita das suas *Navegações*, que se aponta para certa depuração da palavra, tal como a do encontro inaugural do ser com o outro, com as coisas desse novo mundo.

Mais adiante, o escrivão português, após notabilizar ao rei, a quem escreve, a respeito da terra, resolve também descrever sobre os homens que a frota percebe na costa: “Dali, avistamos homens que andavam pela praia (...) De cor parda, nus, sem nada que lhes tapasse o sexo. Tinham arcos e flechas nas mãos. Vinham todos firmemente em direção do barco” (CAMINHA, 2017, p. 27).

Na descrição feita por Caminha, grita a adjetivação feita. O destaque feito à *nudez* dos indígenas é de grande importância, visto que o *nu*, usado para descrevê-los é, segundo a definição encontrada no dicionário Aurélio, o desprovemento de qualquer tipo de roupa (vestimenta); e, é, nessa suposta ausência de proteção que se exhibe um homem num delinear um tanto vulnerável ao olhar europeu. Além disso, cabe ainda mencionar que esse detalhe capturado da nudez, é igualmente trabalhado por Sophia, além de ser um vocábulo empregado de maneira reiterada nas *Navegações*:

Eu vos direi a grande praia branca
E os homens nus e negros que dançavam
Pra sustentar o céu com suas lanças

1982
(ANDRESEN, 2015, p. 52)

E, também, no dístico:

Nus se banharam em grandes praias lisas
Outros se perderam no repentino azul dos temporais

1982
(ANDRESEN, 2015, p. 47)

Como se sabe, há diversas maneiras de adentrarmos esses poemas, entretanto, aqui optamos por dar cabo a rota no jogo das intertextualidades proposto. Neste sentido, é possível que façamos uma leitura mesmo que breve, dessa nada gratuita reiteração do vocábulo “nu”, alinhada supostamente como uma espécie de necessidade em articular talvez a linguagem a um deboche, que, de um modo provocativo, recria o espanto desses viajantes na cena poética, bem como possibilita a abertura de questionamentos como: Estavam os homens *nus* sobre qual perspectiva? A nudez

notada e reiterada trata-se somente da falta de vestimentas dos corpos? Neste ínterim, cabe lembrar que o autor da *Carta* fala ao rei, e pontua, além dessas, uma série de ausências percebidas pela frota, isto é, há uma série de pressupostos de ausências de elementos constitutivos do “homem europeu”. Fazendo com que desse contato, do suposto espanto que teriam os europeus com o *outro*, esse outro, pincelado por inúmeras suposições que os enxergam completamente impenetráveis e “indescritíveis”, fazendo com que na descrição feita ao rei, esse “nós” se esbarre com os seus próprios limites, posto que não entendiam o que falavam, nem tão pouco conseguiam assimilar seus costumes.

Considerações finais

Ensejando o fim do breve percurso aqui proposto, nos valeremos de uma importante ponderação feita pela antropóloga francesa, Marielle Macé (2018), que, ao pensar o *sujeito da consideração*, diz não haver vidas nuas, para ela: “não há vidas nuas, ou sem qualidade; só há *vidas desnudadas e desqualificadas* (desnudadas por algum fato de violência e desqualificadas por alguma ausência de consideração, isto é, antes de tudo, de direitos)” (MACÉ, 2018, p. 32).

Assim, podemos talvez dizer que essas e outras operações feitas por Sophia em *Navegações*, e da sua particular leitura que faz da *Carta* de Caminha, bem como a de outros textos e vozes, costuram-se, além do já mencionado uso do “acervo lexical” do escrivão, e da escolha do emprego das datas ao fim dos poemas; assim como a recuperação de um olhar-primeiro, esse que vai de certo modo recuperando seus primeiros sentidos, inclusive, os sentidos-primeiros das palavras, demanda, poderíamos supor característica da própria criação de Sophia, vão avultando outros pontos.

Desses outros pontos, convém mencionar, a fratura na comunicação descrita por Caminha do contato entre os povos, que, diante da afasia provocada pela falta de uma norma verbal, o “nós” encontra uma saída numa comunicação corporal, através da dança, a qual Sophia se vale e escreve um poema, e faz questão de sinalizar nas notas que dá ao livro, que esse poema, na verdade, se trata de uma *glosa livre* que ela faz da *Carta* de Caminha: “Quem de seu falar algo entendesse / Juntos dançámos pra nos entendermos” (ANDRESEN, 2015, p. 56), o que corrobora para a apreensão do diálogo com a *Carta*.

Outrossim, tendo em vista a tarefa inesgotável de apurar todas as possíveis referências e contatos, assumindo, portanto, a consciência de que é impossível dar conta de todas as intertextualidades, encerramos a nossa leitura com duas colocações/provocações importantes feitas

por Sophia: ambas, numa camada reflexiva dos versos, que é conferida pelo assegurado espaço de séculos que existe entre as duas obras analisadas, a primeira, de uma *culpa*, supostamente assumida, que atravessa o verso: “Cupidez roendo o rosto nu do encontro” e a outra, de um certo *erro*, no qual o sujeito poético não sabe se tudo errou ou descobr. (ANDRESEN, 2015, p. 52).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Obras Completas**. Vol 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora da UnoChapécó, 2009.

ALMEIDA, Catarina Nunes de. O Feito, a Gesta e o Olhar: o Oriente nas *Navegações* de Sophia de Mello Breyner Andresen. **eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, 2014: p. 57-78. Disponível online: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/58>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Navegações**. Prefácio Eucanaã Ferraz. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

_____. **Obra poética**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2018.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao rei Dom Manuel I**. Fonte: Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro. Disponível online: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura: epopeia, teatro, ensaio, crônica, oratória, cartas, memórias, diários, máximas, crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1967.

DA FONSECA, LUÍS ADÃO. **O sentido da novidade na Carta de Pero Vaz de Caminha**. Revista USP, n. 45, p. 38-47, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30107/31992>. Acesso em: 11 jun. 2023.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes: Uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

KRENAK, Ailton. **O eterno retorno do encontro**. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1999. p. 25.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português**. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2018.

NOVAES, Adauto (Ed.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
ROCHA, João Cezar de Castro et al. **Nenhum Brasil existe**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora,

2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Editora Companhia das Letras, 2003.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Trad. Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.